

# Guimarães Rosa ou o homem intuitivo nietzschiano

Laysa Louise Silva Beretta\* 

## Primeiras palavras

*Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só.*  
(GUIMARÃES ROSA *apud* LORENZ, 1944).

Levando em consideração a imensa capacidade de criação linguística observada nas obras rosianas e os inúmeros estudos publicados, desde a década de 1950, sobre os aspectos formais do texto a fim de sistematizar os tipos de criação vocabular e sintática empenhados, percorrerei, no presente estudo, alguns neologismos cunhados por Guimarães Rosa (1956) em *Grande sertão: veredas*. Não pretendo me aproximar das discussões acerca do caráter hermético do texto, tampouco organizar os neologismos elencados em índices classificatórios, mas observar a construção e, sobretudo, a função do universo linguístico erigido no romance. Quero dizer: o que vale a palavra na obra de Guimarães Rosa? Qual é o valor da verdade enquanto conceito? A palavra rosiana confina um valor? Se confina, o que os neologismos pretendem confinar?

Entrevejo, nesse sentido, possibilidades de reflexão para as perguntas listadas acima na noção de homem intuitivo proposta por Nietzsche (1873) no ensaio “Verdade e mentira no sentido extra-moral”, pois além do autor mineiro fundar um mundo linguístico completamente novo através dos neologismos e plasmar em sua escrita a querela sobre a verdade ou convenção na formação das palavras, lida ainda com o “esplendor das intuições metafóricas” (NIETZSCHE, 2009, p. 540) sem a intenção de torná-las conceitos, como quem maneja o caos.

O texto elencado para balizar a discussão poderia ser relacionado à obra rosiana a partir de, ao menos, mais dois vieses. Seria possível aproximar a problematização do conceito de verdade e também da vontade de verdade com relação à oratura e igualmente plausível seria pensar nos neologismos enquanto um turbilhão de metáforas (no caso de Rosa, permanentemente mutáveis e abertas, já que vulneráveis às participações do leitor). Opto, entretanto, por observar, ainda que superficialmente, já que se trata de uma análise de curto fôlego, o autor a partir das considerações nietzschianas acerca do homem intuitivo.

Para tanto, além de lidar com as contribuições nietzschianas acerca dos conceitos de verdade e linguagem presentes no ensaio “Verdade e mentira no sentido extra-moral” (1873), me voltarei ainda para as considerações de Eliana Amarante de Mendonça Mendes (1991) em *Tradução dos neologismos*

---

\* Doutorado em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: laysaberetta@gmail.com

de *Grande sertão: veredas*, para o ensaio intitulado “Grande sertão: veredas: Alguns neologismos semânticos”, de Maria Celia de Moraes Leonel (1997), para a dissertação de Marília Gazola Pessoa Barros (2011) chamada *Estudo do léxico de João Guimarães Rosa na tradução italiana de Grande Sertão: veredas* e quaisquer outros estudos que se fizerem necessários durante a aproximação pretendida.

## Com a palavra, Nietzsche

É fato incontestável que uma das maiores contribuições de Nietzsche (1844-1900) como filósofo foi repensar a linguagem. Repensar, mais precisamente, os limites e impossibilidades da linguagem. Contribuições do gênero estão em “Verdade e mentira no sentido extra-moral” (1873)<sup>1</sup>, ensaio em que Nietzsche, além de salientar a incessante busca do homem pela verdade – sem deixar, é claro, de observar a ilusão inerente ao ato –, discorre sobre o intelecto humano e procura relativizar os conceitos de verdade e linguagem enquanto cristalizadora de conceitos.

O filósofo nos mostra o quão efêmero e ilusório é o conhecimento frente à eternidade do universo e da natureza e de que forma os fracos usam o intelecto para a conservação e para a vaidade. Os filósofos não fogem à observação, já que, segundo Nietzsche, são tomados pelo orgulho e sentem-se, se munidos do conhecimento, como o que há de mais significativo no infinito. Ainda de acordo com o texto, o mais importante de tudo isso é o impulso à verdade, a uma verdade falsa, ilusória e vulnerável a trocas arbitrárias: “Falamos de uma Schlange (cobra): a designação não se refere à nada mais do que o enrodilhar-se, e portanto poderia também caber ao verme” (NIETZSCHE, 2009, p. 533).

Enquanto a verdade, para Tomás de Aquino, é adequação do intelecto às coisas, para Nietzsche, “não sabemos nada de uma qualidade essencial” (NIETZSCHE, 2009, p. 535) para pensar, como propôs Platão, em um mundo sensível e outro inteligível. Nietzsche ataca a linguagem e a sua pretensão de ser a responsável pela cristalização da verdade. A linguagem, de acordo com ele, não pode expressar pensamentos e estabelecer conceitos ou verdades estagnadas porque não é a expressão ideal para a realidade das coisas. Dessa forma, de acordo com ele, compramos ilusões por verdades, pois a fala (estímulo nervoso) não se corresponde legitimamente a designações externas fixas.

<sup>1</sup> Parto do ensaio referido para cumprir a aproximação proposta porque a noção de homem intuitivo é cara para o intento aqui estabelecido, mas não pretendo, com isso, descontextualizar ou isolar a preocupação de Nietzsche com relação à linguagem como produtora de verdades. É importante pontuar que a linguagem é uma reflexão que se faz imponente no pensamento nietzschiano e que ganha novos contornos e vieses sempre que volta à baila. Nesse sentido, vale destacar três momentos da crítica da linguagem na filosofia de Nietzsche: a ideia, presente em “Verdade e mentira no sentido extra-moral”, de que a linguagem está para a verdade como uma série de convenções para a cristalização de conceitos; mais tarde, quando distante da influência de Schopenhauer e Wagner e com a publicação de *Humano, demasiado humano* (1878), a crítica da linguagem se relaciona com a metafísica e com a afirmação dos valores tidos como imutáveis, intrínsecos na existência das coisas, o que desconsidera o sentir, o mutável e a experiência; e por fim, vale pontuar ainda o papel que a linguagem assume no último período intelectual da sua vida intelectual: além da persistência da crítica à linguagem conceitual, o filósofo procura empenhar uma linguagem que seja a favor da vida, quer dizer, uma linguagem que não seja estanque e imóvel, mas móvel, efêmera, poética e que possa desenvolver o seu projeto de transvaloração de todos os valores – de acordo com o que pontua Nietzsche em sua biografia *Ecce homo, Assim falou Zaratustra* (1883) representa a volta da linguagem ao cerne da própria linguagem.

Assim, propõe uma definição ao ponderar:

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE, 2009, p. 535).

Nesse sentido e ainda de acordo com o texto, a verdade que a linguagem deseja plasmar está sujeita a trocas arbitrárias e representa a relação do homem com as coisas a partir das mais audaciosas metáforas. Possuímos, assim, quando buscamos cristalizar verdades ou conceitos através da linguagem, metáforas convencionais, gastas e sem força sensível.

Apesar de mencionar trocas arbitrárias e metáforas por convenção, Nietzsche não aponta, de forma categórica, para a arbitrariedade do signo linguístico como Saussure<sup>2</sup>, mas para a criação de metáforas que o homem empreende a fim de perseguir a verdade. Há, ao menos, duas etapas garantidas no impulso à verdade inerente ao homem: “Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora” (NIETZSCHE, 2009, p. 535).

Com isso, Nietzsche destaca dois tipos de construtores de metáforas: o homem intuitivo e o homem racional, e é principalmente por conta dessa reflexão que o ensaio do filósofo nos interessa quando consideramos Guimarães Rosa.

## A palavra como neblina

A figura de Guimarães Rosa dispensa extensas exposições, mas, por gosto, farei as honras: Rosa (1908-1967) foi um escritor, diplomata e médico, além de considerado por muitos o maior escritor brasileiro do século XX. Falava e compreendia um número expressivo de línguas, foi indicado para o prêmio Nobel de Literatura e ocupou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras três dias antes de sua morte.

Quase toda a sua escrita ambienta-se no sertão brasileiro, mesmo que não regionalista, já que não é o caráter pitoresco que se sobressai em seus escritos, mas os problemas, questões e sentimentos universais. Essa tônica atravessa toda a sua obra, mas alcança o seu ápice em *Grande sertão: veredas* (1956), obra que, por razões de método e afeto, foi escolhida para a presente observação.

Por método porque na obra “o universo do sertão toma-se como uma alegoria para o universo das letras, da literatura e da **linguagem**” (MARINHO, 2012, p. 189, grifo nosso) e por afeto porque trata-se

<sup>2</sup> Segundo Saussure, o “significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 1970, p. 83).

de uma narrativa de caráter transcendental ou, como afirma Antonio Candido, “o primeiro grande romance metafísico da literatura brasileira” (CANDIDO, 2006, p. 10):

Parecia que, de fato, o autor quis e conseguiu elaborar um universo autônomo, composto de realidades expressionais e humanas que se articulam em relações harmoniosas, superando por milagre o poderoso lastro de realidade tenazmente observada, que é a sua plataforma (CANDIDO, 2006, p. 112).

É unanimidade entre os críticos e leitores mais sagazes que vislumbramos muito em *Grande sertão: veredas*. Vislumbramos o mundo através do sertão mineiro; o homem através de Riobaldo; as questões essenciais através da comunicação do narrador (Deus existe? O que é o bem? E o mal? O diabo nos ronda? Qual é o poder da vontade? O destino tudo pode?) e o ser, o não ser e a neblina entre esses dois lugares através de Diadorim. Assim, a autonomia e a transcendência da obra se dão, principalmente, através do paradoxo. A partir do detalhe, ela alcança a liberdade. Dois lados são estabelecidos dicotomicamente (o bem e o mal; Deus e o diabo; a mulher e o homem) e são relacionados de forma ambígua, ou melhor, dialética. Ali, tudo se embaralha, os lados estão sob neblina.

Outro e não menos importante fator para a autonomia e transcendência da narrativa é a linguagem, quer dizer, esse universo linguístico que é erigido no romance, que se aproxima da prosa sertaneja, mas transcende o caráter regionalista e funda um mundo linguístico novo e original. Rosa criou um vocabulário próprio ligado a arcaísmos e ao passado da língua portuguesa, promovendo invenções e intervenções semânticas e sintáticas.

Inúmeras pesquisas voltam-se para as invenções linguísticas presentes na obra. Eliane Amarante de Mendonça Mendes (1991), por exemplo, debruçou-se sobre a tradução dos neologismos presentes na obra em sua tese de doutorado (*A tradução dos neologismos rosianos na versão italiana de Grande Sertão: veredas, de João Guimarães Rosa*), enquanto Maria Celia de Moraes Leonel (1997) volta-se para os neologismos semânticos em um interessante ensaio intitulado “Grande sertão: veredas: Alguns neologismos semânticos”. Da mesma forma, pesquisadores propõem diferentes brevíários criativos com categorizações para os neologismos empenhados pelo autor. O que me interessa por ora, entretanto, é a expressão presente na proposição desse apocalipse linguístico, quer dizer, observar Rosa ao manejar arcaísmos, estrangeirismos e inovações sintáticas nas suas obras.

Em outras palavras: o que faz com que o autor se volte para a formação de palavras e para o nascimento da própria linguagem humana<sup>3</sup> ou, como propõe Nietzsche, seja impulsionado “à formação de metáforas, esse impulso fundamental do homem”? (NIETZSCHE, 2009, p. 538). Para além da querela entre Crátilo e Hermógenes<sup>4</sup> com relação ao signo ser resultante de pura convenção ou espelhamento

---

<sup>3</sup> Marcelo Marinho tece essa afirmação a partir da análise de inúmeros códigos de leitura presentes tanto no romance quanto em seus paratextos, como os “símbolos concebidos para as orelhas da segunda edição do romance, ilustração em que pretensos elementos sertanejos remetem, na realidade (mas não exclusivamente) ao espaço às margens do rio Nilo, às pirâmides e aos monumentos cujos hieróglifos deram origem ao alfabeto romano” (MARINHO, 2002, p. 258).

<sup>4</sup> Trata-se de um diálogo platônico entre Crátilo e Hermógenes sobre a natureza do signo linguístico. Enquanto o primeiro

da natureza das coisas em constante fluxo, pretendo observar os neologismos propostos por Rosa enquanto turbilhões de metáforas móveis, que afinam e desafinam, mas que existem como experiência, tentativa de realidade e, sobretudo, como estrutura linguística móvel que se transvaloriza a todo tempo e vale, precisamente, pelo que confina em si quando remete à fala.

A preocupação de Rosa parece ser a fala e, sobretudo, a sua expressividade (aquela que falta a Hermógenes, que é completamente privado de habilidades discursivas). Exemplo valioso de um neologismo que é reconhecido enquanto metáfora sonora e visual em Guimarães Rosa presente em “Cara-de-Bronze” (*Corpo de baile*, 1956) é “esloxo das sandálias” ou “esloxo das patas dos bois”, construído a partir de “slash” (ROSA, 2006, p. 581), pântano ou brejo em inglês americano. A despeito de variações na decodificação (aspecto positivo na medida em que afasta o neologismo de uma verdade cristalizada e o coloca na posição de um signo apto a atualizações e transvalorizações), a palavra procura expressar (e é bem lograda no intento) aquilo que, quando em contato com o solo, coloca-se em demorado atrito.

Assim, através da palavra exposta acima e de outros neologismos que analisaremos adiante, Rosa aponta para novas possibilidades na linguagem, dando “vazão à força criadora, fornecendo-nos andaimes para construções mais abstratas e valorização das intuições” (BRAGA, 2003, p. 74). Como quem reconhece os signos enquanto turbilhão de metáforas sonoras, visuais e móveis, Rosa coloca-se na posição de um construtor inclinado para a intuição quando, em correspondência com seu tradutor italiano, defende “o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração sobre o bruxolear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana.” (BIZZARRI, 2003, p. 90).

## No meio do “redemunho”

*O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma?* (ROSA, 2006, p. 7).

Diante do exposto até este ponto, lanço-me nas páginas rosianas, encontro o diabo na rua e procuro lidar com um imenso redemunho de significações com o intento de lidar com a manipulação da linguagem empenhada pelo autor nas páginas de *Grande sertão: veredas*. Não me volto, é preciso esclarecer, para a palavra dentro dos limites impostos pelo código linguístico, ou seja, para recombinações lexicais,

---

(discípulo de Heráclito e mestre de Platão) acredita que os nomes espelham a natureza das coisas, o segundo enxerga o signo como resultado de convenções arbitrárias. O debate entre os filósofos ecoa na obra de Guimarães Rosa na medida em que é possível observar uma paridade entre Crátilo e Riobaldo (crótalo/Urutu-branco) e Hermógenes e Hermógenes (o jagunço inimigo). Em *Grande sertão: veredas*, houve, então, uma peleia pela linguagem no Liso do Sussuarão (ou deserto de Saussure e do signo arbitrário), momento em que “é grande a ocorrência, no texto, de neologismos, de palavras fora de sua significação comum, de estrangeirismos, arcaísmos e também de um tipo de articulação sintática por vezes rompida ou truncada” (MARQUEZINE, 2006, p. 247).

apesar dos estudos nesse sentido<sup>5</sup>, mas para o meio do redemunho, para a palavra que retomba, que vai-vem e que é cachoeira porque aprisiona e liberta. Importa-me menos o método para a aproximação lexical e/ou semântica e mais o infinito de verdades que a palavra de um homem intuitivo pode conter. Quero dizer, me concentro no que pretende, ou melhor, no que promove Guimarães Rosa ao registrar os seus neologismos. Inúmeras são as ocorrências de neologismos nas páginas rosianas. Nilce Sant'Anna Martins (2001), por exemplo, organizou um dicionário com mais de quinhentas páginas com o léxico de Guimarães Rosa.

Ainda que não seja a nossa intenção esmiuçar todos os neologismos empregados por Rosa em *Grande sertão: veredas* (tampouco há espaço para tanto em uma análise de curto fôlego como esta), listo alguns casos seguidos de suas prováveis significações, ou melhor, indícios<sup>6</sup> para “um turbilhão móvel de metáforas” para que seja possível vislumbrar o labor do homem intuitivo (NIETZSCHE, 2009).

Assim e mais por afeto do que por método, observo os seguintes neologismos: *desmim*, *bambalango*, *meremerências*, *soposo*, *aboborosa*, *belimbeleza*, *brisbrisa* e *dalalala*.

“Desmim”, palavra do léxico rosiano para significar a condição de estar fora de dentro ou fora de mim, não exige do leitor nenhum grande esforço para a decodificação. Ao contrário: percebe-se o pretendido de modo quase que intuitivo. Naturalmente, a facilidade se deve ao fato de que a palavra une o prefixo de negação “des” e o pronome pessoal “mim” (unidades lexicais conhecidas e carregadas semanticamente). De todo modo, é preciso reconhecer a potência sonora dos termos escolhidos e a sua contribuição para a construção de uma significação que extrapola o estático, isso porque sonoramente a palavra se arrasta em um movimento do que está fora, mas já esteve dentro – desmim. Assim, o neologismo criado capta, sobretudo na oratura, o sentido em curso: “Desmim de mim-mesmo” (ROSA, 1994, p. 854).

Análise semelhante pode ser feita diante dos neologismos “bambalango” e “belimbeleza”. A palavra bambalango, usada para representar o movimento do rio [“bambalango das águas” (ROSA, 1994, p. 145)], é formada pela junção suprimida das palavras “bamba” e “balango” a fim de significar o movimento de vai e vem das águas do rio: usualmente, bamba ou bambo corresponde a algo que não tem firmeza ou força, que cambaleia, e balango vem do verbo balangar, uma variação de balançar, e designa o movimento de balanço, gangorrear. Claramente, a junção das palavras referidas potencializa o sentido pretendido – de movimento mole, vago e repetido, como um sanfonar –, mas é preciso reconhecer mais uma vez que as palavras escolhidas para formarem o neologismo em questão, quando empenhadas na oratura, parecem desenhar o movimento da metáfora pretendida. As sílabas deslocam-se lentamente em um vai e vem lento, repetitivo e infinito. Assim, a palavra parece apreender a dança das águas em sua representação sinestésica.

<sup>5</sup> Maria Aparecida Barbosa (1989), por exemplo, pondera, no seu livro *Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*, que alguns autores, fazem, de fato, do jogo de mudanças de estruturas léxicas e sintático-semânticas o elemento estilístico de seus textos. Entretanto e ainda de acordo com a autora, há poucos escritores que redistribuem e, sobretudo, reelaboram os elementos do código linguístico.

<sup>6</sup> A maioria das significações expostas são indícios subjetivos, quer dizer, representam o meu valor ou a minha atualização para o turbilhão móvel de metáforas.

“Belimbeleza”, na mesma direção, apresenta a palavra beleza junto da soma do radical “bel”, partícula léxica que indica intensidade e que também é a forma arcaica de belo, com a unidade “im” (grau diminutivo). Com isso, ao mesmo tempo em que intensifica a ideia de belo, o neologismo, ao se utilizar do diminutivo, atenua a significação pretendida e provoca uma valorização afetiva. A ideia, assim, é qualificar algo de beleza extrema, mas simples, natural e singela: “daí, se desceu mais, e, de repente, chegamos numa baixada toda avistada, felizinha de aprazível, com uma lagoa muito correta, rodeada de buritizal dos mais altos: buriti — verde que afina e esveste, belimbeleza” (ROSA, 1994, p. 56). Na oratura, o significado pretendido encontra correspondência, sobretudo quando consideramos a ideia de uma beleza simples, singela e delicada e o uso do diminutivo “im”, que além de funcionar como um elo entre as palavras “belo” e “beleza” e se aproximar do encurtamento próprio do sotaque mineiro, movimenta-se pendularmente entre a aliteração de “belim e “beleza”, promovendo um som prosaico e harmonioso.

Prosseguindo com os neologismos elencados para a observação, convém trazer à luz a palavra “meremerências”, isso porque a intenção e o processo de construção parecem se aproximar daqueles empenhados em “belimbeleza”: “ouvi de que reza também com grandes *meremerências*” (ROSA, 1994, p. 16). Assim como em “belimbeleza”, a aliteração ocorre e a intenção é intensificar o sentido, quer dizer, pensar em grandes merecimentos, honras ou louvores. Para isso, o autor aglutina palavras sinônimas – “benemerência” e “merecimento”. Na oratura, a direção não é diferente porque a divisão silábica denota quantidade e a palavra falada parece entoar lenta contagem numérica, lembrando o desenrolar de contas de um terço: me-re-me-rên-cias [plural].

A tentativa de construir uma linguagem poética que, como propõe Nietzsche, se aproxime da vida enquanto trânsito e experiência pode ser observada nos neologismos “brisbrisa” e “dalala”. Ainda que a partir de métodos diferentes, as palavras são uma representação, principalmente quando consideramos a oratura, do significado significando, ou melhor, da representação da experiência do sentido. Explico: ao propor “brisbrisa”, o autor cria uma unidade fonológica complementar a partir do substantivo “brisa” e da duplicação do radical “bris”. Com isso e a partir da mesma palavra, procura reproduzir na oratura o significado da brisa; não aquele estático, como ideia pronta e acabada, mas uma ideia sonora e em curso, como um sopro contínuo, porque a brisa não é vista, é sentida e escutada, como um longo vento que assobia: “Mariposas passavam muitas, por entre as nossas caras, e besouros graúdos esbarravam. Puxava uma brisbrisa. O ianso do vento revinha com o cheiro de alguma chuva perto” (ROSA, 1994, p. 31).

“Dalala” vem do verbo neológico “dalalar”, que significa arder, queimar em chamas. Diferente de brisbrisa, não articula como radical uma palavra da língua portuguesa, mas intenta também uma representação onomatopeica. Com dalala, Rosa sugere um verbo para a ação do fogo em si, para o som das labaredas em movimento e, como um homem intuitivo, aprisiona a imagem em movimento para libertar o sentido e a experiência do significado: “Para extraviar as mutucas, a gente queimava folhas de arapavaca. Aquilo bonito, quando tição aceso estala seu fim em faíscas – e labareda dalalala” (ROSA, 1994, p. 442).

Por fim, um outro método digno de nota com relação à intensificação de sentido é a sufixação com a partícula “oso/osa” nas palavras “soposo” e “aboborosa”. Para referir-se a um lugar que requer o

uso de guarda-chuva, Guimarães Rosa revê a palavra “ensopado” (algo molhado por dentro, pois “en”) e sugere “soposo” para qualificar algo extremamente ensopado ou molhado, mas por fora: “Um punhado quente de vento, passante entre duas palmas de palmeira... Lembro, deslembro. Ou – o senhor vai – no soposo: de chuva-chuva” (ROSA, 1994, p. 30). Aboborosa também desempenha o papel de adjetivo; o radical abóbora aproxima-se do sufixo “osa” a fim de, a partir do aspecto da abóbora, representar (não sem intensificar) algo mole ou amolecido, feito de sulcos: “Trem, caco de velha, boca que se fechava aboborosa, de sem dentes” (ROSA, 1994, p. 44). A despeito da construção teoricamente simples – substantivos somados a sufixos que indicam abundância ou estado pleno para qualificar algo –, o neologismo, no que tange à oralidade, também pode ser analisado sob uma perspectiva interessante. Não se trata de uma metáfora sonora para conceitos observados em movimento, mas da escolha de um sufixo de qualidade vibrante e enfática, principalmente devido à presença da vogal /o/ – uma média vogal e arredondada – que proporciona uma qualidade aberta e plena e, com isso, mantém o peso de sua intensidade qualitativa até mesmo na impressão sonora. Quero dizer: a ideia de algo que é ou está repleto mantém o seu peso semântico na sonoridade do sufixo, algo que podemos reputar, inclusive, ao palíndromo. Desse modo, não exagero ao afirmar que, apesar de o conceito primeiro ser sugerido pelos substantivos “sopa” e “abóbora”, a escolha do sufixo “oso” “osa” relaciona-se também com o labor de um homem intuitivo, aquele a fim de uma compreensão mais profunda e autônoma da realidade, que transcenda as limitações impostas pelo pensamento conceitual e pela linguagem.

O número de neologismos elencados e observados é reduzido, mas acredito que suficiente para a aproximação pretendida, principalmente se observarmos a estreita relação que a decodificação das palavras rosianas estabelece com a fala. Os possíveis significados emergem da enunciação ou do som da experiência, como “dalalala” e “bambalango”. Muito além da noção em torno da onomatopeia, acredito que estejamos diante da tentativa de plasmar o significado em seu incessante movimento. Vale lembrar, nesse mesmo sentido, do que argumenta Sócrates para Hermógenes no diálogo platônico *Crátilo*:

Agora mesmo entendi que muitos dos antigos humanos colocadores de nomes eram, mais do que tudo, como a maioria dos sábios de hoje. Os investigadores de como as coisas existem, de tanto perambular em torno do que é firme, acabam ficando tontos. Conseqüentemente, as coisas lhes parecem estar perambulando num movimento total. Por causa disto uma afecção interna a eles próprios não é, para eles, a causa desta crença, mas antes o fato das coisas serem assim mesmo por natureza. Nada é permanente nem estável, mas escorre, é movido e está eternamente cheio de todo tipo de movimento e geração (PLATÃO, 2014).

Como uma cachoeira que se derrama por um barranco de chão, o sentido das coisas escorre. Daí, então, a impossibilidade de verdade apontada por Nietzsche. Conceitos, sentidos e significados não são estáticos. Como a palavra poderia, então, confinar, ou melhor, cristalizar uma verdade se não há verdade estática para cristalizar? O que a palavra deve conter?

O uso dizer, frente à noção de homem intuitivo cunhada por Nietzsche e a neologismos rosianos como “dalala”, que a palavra deve conter movimento: o movimento da enunciação e o movimento do que se fala. Deve conter metáforas móveis, que afinam e desafinam, mas que existem como experiência,



tentativa de realidade e, sobretudo, como estrutura linguística móvel que se transvaloriza a todo tempo e vale, precisamente, pelo que confina em si quando remete à fala.

A palavra de Guimarães joga com o movimento dos sentidos, nos enlaça em um “bambalango”, nos apresenta a relatividade da verdade e ainda nos propõe – como deve ser – um infinito de interpretações apto a transvalorizações. Dessa forma, o autor mineiro se aproxima das ponderações nietzschianas não só ao elaborar palavras que refutam a ideia de verdades cristalizadas na medida em que buscam esculpir movimento, mas, sobretudo, quando se assemelha ao homem intuitivo descrito por Nietzsche.

O último, assim como o homem racional, lida com as metáforas, entretanto parte do conhecimento abstrato e renega o que é inartístico. Com o homem intuitivo, o impulso à verdade não é regido pela intenção de formar noções, mas pelo caos. Assim, ele leva, a partir da intuição, as metáforas ao seu esplendor e funda uma civilização através do domínio da arte sobre a vida: “Temos a arte para não morrer com a verdade” (NIETZSCHE, 2008). Ele não se defende da infelicidade, mas conquista abstrações.

Trata-se do intelecto que se tornou livre e não maneja o conceito, mas o turbilhão móvel de metáforas e, no meio do turbilhão ou do redemunho, está a palavra embriagada, “*belimbelamente*” perdida em si mesma, movimentando-se no seu vai e vem e aberta para prender e libertar.

Se, assim como sugere Marcelo Marinho (2012) em “João Guimarães Rosa, ‘autobiografia irracional’ e crítica literária: veredas da oratura”, *Grande sertão: veredas* versa sobre uma peleia acerca da natureza do signo linguístico no Liso do Sussuarão (ou deserto de Saussure e do signo arbitrário) entre Riobaldo (um homem intuitivo ou o Crátilo) e Hermógenes (o homem racional ou o Hermógenes platônico) a fim de ganhar Otacília (prêmio literário), o primado da intuição e o domínio da arte sobre a verdade prevaleceram – a despeito da recompensa (Diadorim/alma).

## Últimas palavras

Diante do exposto, parece-me possível e, ainda, importante relacionar a figura do autor e o seu trabalho com a linguagem (que veicula um sentido, mas também resiste a ele) com as noções nietzschianas, pois a aproximação é efetiva não apenas com relação ao homem intuitivo, pois é impossível ignorar que as metáforas rosianas são construtoras de inesgotáveis sentidos e desconsideram aquele imenso arcabouço de conceitos rígidos, procurando “embaralhar o mundo sólido dos conceitos” e buscando aproximar-se “dos pensamentos mais raros (intuições)” (BRAGA, 2003, p. 73).

Assim, “dou o dito” e “abrenúncio” (ROSA, 1994, p. 9): todo conceito, ainda que “duro como o osso e cúbico como um dado [acaba] por ser somente o resíduo de uma metáfora” (NIETZSCHE, 2009, p. 536). Por isso, ao “compensar numa mão e noutra” (ROSA, 1994, p. 191) o homem racional e o homem intuitivo, volto-me para o derramamento das metáforas do último.

## Referências

BARBOSA, Maria Aparecida. *Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*. São Paulo: Global, 1989.

- BARROS, Marília Gazola Pessôa. *Estudo do léxico de João Guimarães Rosa na tradução italiana de Grande Sertão: veredas*. 2011. Dissertação (Língua e Literatura Italiana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BIZZARRI, Edoardo. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- BRAGA, Paulo. A Linguagem em Nietzsche: as palavras e os pensamentos. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 14, p. 71-82, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- LEONEL, Maria Celia de Moraes. Grande sertão: veredas: Alguns neologismos semânticos. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 41, p. 79-89, 1997.
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: LORENZ, Günter. *Obras completas de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 12-27.
- MARINHO, Marcelo. João Guimarães Rosa, “autobiografia irracional” e crítica literária: veredas da oratura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 186-193, abr./jun. 2012.
- MARINHO, Marcelo. Platão, Rosa, o tecelão e seu texto: analogias discursivas entre Crátilo e o bardo Riobaldo. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 257-263, 2002.
- MARQUEZINE, Fabiana Buitor Carelli. O buriti e a rosa: aspectos da linguagem em Grande sertão: veredas. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 12, p. 225-249, 2006.
- MARTINS, Sant'Anna. *O léxico em Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. *Tradução dos neologismos de Grande sertão: veredas*. 1991. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdades e mentiras no sentido extramoral. In: MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. p. 530-543.
- PLATÃO. *Crátilo: ou sobre a correção dos nomes*. Tradução e notas de Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Paulus, 2014.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível: [https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6029042/mod\\_resource/content/1/Grande%20Sert%C3%A3o.pdf](https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6029042/mod_resource/content/1/Grande%20Sert%C3%A3o.pdf). Acesso em: 5 ago. 2019.
- ROSA, João Guimarães. Cara-de-Bronze. In: ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Natureza do signo linguístico In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 79-94.

Recebido em 30 de abril de 2022.

Aprovado em 6 de abril de 2023.

## **Resumo/Abstract**

### **Guimarães Rosa ou o homem intuitivo nietzschiano**

**Laysa Louise Silva Beretta**

Considerando a imensa capacidade de criação linguística observada nas obras rosianas e os estudos publicados desde a década de 1950 sobre os aspectos formais do texto, percorri, no presente estudo, alguns neologismos cunhados por Guimarães Rosa (1956) em *Grande sertão: veredas* à luz do ensaio “Verdade e mentira no sentido extra-moral” (1873), de Nietzsche. Assim, pretendi observar a construção e, sobretudo, a função do universo linguístico erigido no romance. Quero dizer: o que vale a palavra na obra de Guimarães Rosa? Qual é o valor da verdade enquanto conceito? A palavra rosiana confina um valor? E se confina, o que os neologismos pretendem confinar?

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa, homem intuitivo, *Grande sertão: veredas*, Nietzsche.

### **Guimarães Rosa or the Nietzsche’s intuitive man**

**Laysa Louise Silva Beretta**

Considering the immense capacity for linguistic creation observed in Guimarães Rosa’s books and the studies published since the 1950s on the formal aspects of his work, in this article, I look to some neologisms coined by Guimarães Rosa (1956) in *Grande sertão: veredas* based on Nietzsche’s “On Truth and Lie in an Extra-Moral Sense” (1873). Therefore, I intended to observe the construction and especially the function of the linguistic universe created in the novel. So what is the value of words in Guimarães Rosa’s work? What is the value of truth as a concept? The Rosan word has value? If so, what do neologisms intend?

**Keywords:** Guimarães Rosa, intuitive man, *Grande sertão: veredas*, Nietzsche.